



LITERATURA DE CORDEL: A ORALIDADE EM QUESTÃO

Maria Ismênia Lima

Universidade Estadual da Paraíba- ismenialima302@hotmail.com

RESUMO: Este artigo pretende discutir a importância do estudo da Literatura de cordel e sua utilização enquanto recurso pedagógico para o incentivo à oralidade em sala de aula. Entendemos que a Literatura de cordel representa todo um conjunto de manifestações, histórias, crenças e cultura de um povo. A Literatura de cordel apresenta, dessa maneira, uma forma de representação de uma realidade em que se pretende expressar pensamentos, questões sociais e toda uma historicidade. Desse modo, é bastante interessante que ela seja abordada em sala de aula de maneira crítica e aprofundada, sendo também, um importante recurso pedagógico para o incentivo à prática da oralidade, uma vez que esta não tem recebido a devida atenção pela escola, mas é algo tão presente em nossa sociedade.

Palavras-chave: Literatura de cordel, Incentivo, Oralidade.

PARA INÍCIO DE CONVERSA

Neste artigo pretendemos discutir a importância que a escola deve dar ao trabalho com a Literatura de cordel, visto que é uma rica manifestação cultural que transpõe realidades, momentos e épocas, e que tem um longo caminho junto à formação literária brasileira. É um forte acervo de aspectos e visões de mundo que merece ser observado e aprofundado de maneira crítica em sala de aula.

Indo para além da rima, o cordel propõe a partir de sua dinâmica natural e espontânea, o trabalho com a oralidade, uma vez que dela se originou e conseqüentemente está embasada, não podendo ser desconectada da discursividade e interação. Como sabemos, a sala de aula é um espaço onde o aluno necessita adquirir habilidades para conseguir se expressar e formular ideias, argumentos. Somente assim é que em sua fala, o aluno será capaz de transmitir a subjetividade de tudo aquilo que o cerca, podendo assumir a responsabilidade sobre o seu falar, tornando-se autônomo e participativo.

Nesse sentido, a escola tem que promover atividades e maneiras que possibilitem aos alunos a prática da oralidade, uma vez que é algo bastante presente na



sociedade e que precisa ser abordado de maneira permanente. O trabalho com a oralidade é uma questão de suma importância, mas que ao longo do tempo não tem sido tão considerado, a escola tem demonstrado maior empenho para a questão da linguagem escrita, em detrimento da oral. Portanto, ao trabalhar a Literatura de cordel, o professor estará promovendo o acesso por parte dos alunos ao riquíssimo mundo da cultura popular, além de promover a oralidade de forma leve e interativa.

Desse modo, nosso objetivo é propor a abertura dos espaços da sala de aula para a explanação da Literatura de cordel, de forma aprofundada e dinâmica, ressaltando a sua legitimidade enquanto representação cultural, além disso, também perceber a sua contribuição para o trabalho com a oralidade.

Partindo desse pressuposto, contaremos com o embasamento teórico de autores como Bakhtin (2003), Galvão (2001), Linhares (2006), Marcuschi (2008), Rangel (2005), entre outros.

CAMINHOS DA LITERATURA DE CORDEL

Quando se ouve falar em Literatura de cordel o primeiro pensamento que se tem é voltado para a região Nordeste, já que foi esse o local onde essa manifestação popular encontrou terreno fértil para poder se desenvolver. Essa receptividade deu-se porque a grande maioria da população nordestina era iletrada, não sabia ler, a troca de informações se dava principalmente por meio da oralidade. Outro fator preponderante é que a presença dos meios de comunicação era muito escassa, logo, as notícias e informações referentes ao restante do país chegava com muita dificuldade (GALVÃO, 2001).

Desse modo, a Literatura de cordel que se apresentava de forma simples, versada e com grande musicalidade, conseguia através de seus versos e pequenas estrofes, ser um veículo atrativo para a transmissão de muitas e variadas informações. Mas, antes de adentrarmos nos detalhes e minúcias dessa Literatura, é interessante observarmos como

se originou e quem foi o(s) responsável(is) por introduzi-la aqui em nosso país.

A literatura de Cordel teve sucesso, em Portugal, entre os séculos XVI e XVIII. Os textos podiam ser em verso ou prosa, não sendo invulgar trata-se de peças de teatro, e versavam sobre os mais variados temas. Encontram-se farsas, historietas, contos fantásticos, escritos de fundo histórico moralizantes, etc., não só de autores anônimos, mas também daqueles que, assim, viram a sua obra vendida a preço, como Gil Vicente e Antônio José da Silva, o Judeu. Exemplos conhecidos de literatura de Cordel são histórias de Carlos Magno e os Doze Pares de França, A princesa Magalona, histórias de João de Calais e A Donzela Teodora (LINHARES, 2006).

Além de Portugal, o Cordel se desenvolveu por muitos outros países do continente europeu e de diferentes formas, demonstrando assim, grande versatilidade. Na França essa literatura era conhecida com a denominação de Litterature de Colportage, pois era carregada nas mochilas, misturada com muitos outros objetos, sendo dirigida ao meio rural francês. Já no meio urbano, a sua divulgação era feita através dos jornais populares, nos Jornais de Sátira e nos jornais denominados Canard (LINHARES, 2006). Em países como a Alemanha, a Inglaterra e a Holanda, o Cordel era bastante semelhante ao conhecido cordel nordestino, como a escrita literária e a capa com a xilogravura que remetia ao tema abordado por ele. Na Espanha o fenômeno do cordel era conhecido como pliegos sueltos.

No Brasil, a Literatura de cordel chegou por meio dos colonizadores portugueses, que trouxeram as estrofes em manuscritos simples e até mesmo de forma memorizada, que passaram a ser declamadas aqui.

[...] na Península
Ibérica, séculos atrás,
Essa arte teve início
Com narrativas orais
Recitadas nos castelos
E nos palácios reais.
E foi com os portugueses
Que essa arte aqui chegou,
Instalou-se no nordeste
E se aperfeiçoou,
Modernizou-se e, em seguida,



Pelo Brasil se espalhou [...] (ACOPIARA, 2009, p. 14).

A denominação “Literatura de cordel” surgiu devido ao fato de que em Portugal, os cordéis eram expostos para a venda nas feiras e mercados populares, em barbantes, cordas ou cordões, daí a origem da nomenclatura (ÂNGELO, 1996). Assim, a Literatura de cordel fincou suas raízes em terras nordestinas e conseguiu se propagar: “[o nordeste] revelou ser terreno fértil para o desenvolvimento dessa arte nascida da aridez, crescida na carência e que viceja na adversidade” (VASQUEZ, 2008, p. 12).

O conjunto temático dos cordéis tem uma grande abrangência, já que ao escrever, o cordelista pode versar sobre os mais variados assuntos, desde temas religiosos até os políticos, passando pelos sociais. Tudo e todos podem ser alvos do poeta, ele pode mergulhar nas credices populares, nos festejos, nos acontecimentos e nas personalidades que marcaram uma época, como também a realidade simples e cotidiana. O mundo imaginário e o real se encontram, personagens se transformam; o que parece impossível pode acontecer no cordel: “a fronteira é fraca entre sagrado e profano, mortos e vivos, terra e céu, santos e bandidos, e até entre Deus e o Diabo” (KUNZ, 2007, p. 27).

Por causa de sua dinamicidade e naturalidade, o Cordel consegue promover a interação autor-leitor e também ouvinte, aquele que se permitir enveredar pelas nuances e caminhos do Cordel encontrará um mundo encantado de realidades. Além disso, o folheto tem uma interessante característica que é advinda desde tempos remotos, que é a questão da oralidade. A cultura do cordel nos primeiros anos de propagação tinha na oralidade a principal forma de ser transmitida, o povo se reunia em rodas, grupos para poder ouvir as narrativas, então é algo que está intrínseco no trabalho com esse tipo de literatura.

A ORALIDADE E O CORDEL EM SALA DE AULA

Em pleno século XXI, faze-se cada vez mais necessário o desempenho das diversas formas de linguagem. A realidade em que vivemos exige que estejamos



envolvidos nas diversas situações que se apresentam continuamente, e essa condição nos propõe a criticidade e o saber posicionar-se. É necessário a tomada de decisões, a defesa de ideias, o saber lidar com o pensamento do outro, a efetiva interação entre o indivíduo e o seu meio de forma concreta. Nesse sentido, uma das manifestações que permitem a autoafirmação e autonomia do sujeito em sociedade é a oralidade.

Nos dias de hoje é primordial que a escola promova o trabalho constante com a oralidade em sala de aula. O professor precisa estar ciente que a comunicação oral faz parte da formação crítica do aluno e que contribui para uma interação mais efetiva entre os sujeitos na absorção de conhecimentos nas aulas. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) da Língua Portuguesa:

Uma rica interação dialogal na sala de aula, dos alunos entre si e entre o professor e os alunos, é uma excelente estratégia de construção do conhecimento, pois permite a troca de informações, o confronto de opiniões, a negociação dos sentidos, a avaliação dos processos pedagógicos em que estão envolvidos (1998, p. 24).

No entanto, a oralidade não se resume exclusivamente ao diálogo em sala, vai muito mais além, assim, é importante que a escola formule situações em que se trabalhe com a oralidade em seus vários aspectos. Dessa forma, a Literatura de cordel surge como uma interessante proposta para o incentivo à oralidade em sala de aula, visto que possui toda uma carga de elementos que propõem a discursividade e a interação entre leitor e ouvinte. Nesse sentido, Marcuschi (2008) salienta que a partir do momento em que nos constituímos como seres sociais, ou seja, que mantêm uma relação com a sociedade, nos encontramos envolvidos em uma máquina sociodiscursiva.

A Literatura de cordel transmite a expressividade da cultura popular, por meio de seus discursos, linguagens e múltiplas vozes. As narrativas dos folhetos conseguem transmitir o olhar do cordelista para a realidade, que pode ser tanto o mundo real que está a sua volta, quanto o mundo encantado, com seus personagens mirabolantes e fantásticos. Nesse caso, cabe ao leitor, por meio de sua oralidade saber dá o tom



adequado a sua leitura.

O que se deve privilegiar na sala de aula, então, é o processo de interação verbal deflagrado por situações de leitura que permitam a identificação dos leitores, como interlocutores. A troca de opiniões entre os alunos instaura o espaço da discursividade que proporciona o confronto entre autor e leitores (RANGEL, 2005, p. 48).

Torna-se de suma importância que ao trabalhar com a grande diversidade dos cordéis, o professor saiba explicitar para seus alunos as condições em que esses cordéis foram produzidos, o período histórico, os autores, enfim todas as características que envolveram a sua produção. Segundo Marinho e Pinheiro (2012, p. 127), ao trabalhar o cordel em sala de aula, o professor tem que estar ciente de que é “sempre bom sondar o ‘horizonte de expectativa’ de nossos leitores””: “de que gostam? Quais seus interesses mais imediatos? Como encaram experiências diferentes das suas? Que experiências culturais lhe são mais determinantes?”. Observados esses detalhes, o professor conseguirá escolher os cordéis mais apropriados para o seu trabalho em sala de aula.

Visto que o cordel representa uma das formas de manifestação da cultura popular, é interessante que se esclareça o conceito de cultura, o que ela representa. Essa é uma tarefa não muito fácil, já que vai depender de muitos aspectos, dentre os quais podemos destacar o momento histórico e também o espaço em que essa definição se dá. Para Silva e Souza (2006), a cultura abrange os registros de um povo, o seu olhar para a sociedade em que vive, sua maneira de refletir aquilo que pensa sobre o mundo.

Nas palavras de Chauí (1996, p. 14) a cultura é definida de maneira ampla como sendo “o campo simbólico e material das atividades humanas, estudadas pela etnografia, etnologia e antropologia, além da filosofia”. Nesse sentido, a carga simbólica da Literatura de cordel consegue por meio de seu conjunto histórico e expressividade, transmitir o abstracionismo daquilo que o serve de inspiração. Voltando à conceituação de cultura, Chauí (1996) ressalta que muitas vezes a sociedade distingue o ideal de cultura, como sendo aquele vivenciado pela parcela privilegiada da sociedade:



[...] articulada à divisão social do trabalho, tende a identificar-se com a posse de conhecimentos, habilidades e gostos específicos, com privilégios de classe, e leva à distinção entre cultos e incultos de onde partirá a diferença entre cultura letrada erudita e cultura popular (p. 14).

Nesse sentido, a cultura advinda das classes populares é considerada inferior, desprovida das características que remontam ao ideal de cultura. Por causa dessa visão reducionista, muitos aspectos da cultura popular deixam de ser abordados no ambiente escolar, o que faz com que se tenha um contato limitado com relação a diversidade cultural presente na sociedade. Anula-se assim, a pluralidade dos variados formatos em que a cultura se apresenta. No entanto, a Literatura de cordel é um exemplo concreto de representação popular que consegue através de sua abrangência temática, construir um elo entre a cultura popular e a cultura erudita.

Trabalhar o cordel em sala de aula revela-se interessante porque trata-se de uma literatura que tem uma estrutura toda organizada e voltada para a musicalidade, para o ritmo, o que por sua vez contribui bastante para a maior assimilação do conteúdo que expõe. “A forma descontraída e ritmada é peculiaridade dessa vertente literária, que, na construção desses textos, contempla uma leitura simples do fato” (SILVA; SOUZA, 2006, p. 217). Ao ler cordel, o aluno pode perceber a riqueza da linguagem, os diferentes e diversificados dialetos, os recursos pelo qual o cordelista se apropriou para conseguir transmitir a sua mensagem, a sua maneira de ver o mundo.

Nesse sentido, a oralidade torna-se algo necessário para a interação com as narrativas dos folhetos, porque segundo Marinho e Pinheiro (2012) ajudará o aluno a perceber os ritmos e encontrar os diferentes andamentos que os folhetos venham a comportar e trabalhar as entonações de modo adequado. O que sucinta mais de uma leitura oralizada, visto que “diferentes e repetidas leituras em voz alta é que vão tornando o folheto uma experiência para o leitor” (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 129).

Por contemplar a prática discursiva em sala de aula, por meio da enunciação, a



Literatura de cordel remonta a uma das esferas da atividade humana, já que faz uso da língua para se concretizar. Nas palavras de Bakhtin (2003):

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana (p. 279).

Nesse contexto, o enunciado se constitui enquanto reflexão das condições específicas e das finalidades de cada uma das esferas, o que ocorre por meio de três elementos essenciais: conteúdo temático, estilo e construção composicional (BAKHTIN, 2003). Sobre o enunciado Faraco (2009, p. 25) nos revela que “todo enunciado emerge sempre e necessariamente num contexto natural saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição neste contexto”.

Segundo Bakhtin (2003) a língua elabora em cada esfera de utilização, os seus tipos relativamente estáveis de enunciados, a partir disso, tem-se a conceituação de gêneros do discurso. Estes são heterogêneos, visto que apresentam riqueza e variedade muito grandes, entretanto, os gêneros do discurso podem se dividir em dois modos, o primário e o secundário:

Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso *primário* (simples) e o gênero de discurso *secundário* (complexo). Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea (BAKHTIN, 2003, p. 281)

Partindo dessa classificação, podemos dizer que a Literatura de cordel se inclui



entre os gêneros secundários, visto que se trata de uma manifestação artística dentro da cultura popular que possui toda uma estrutura elaborada. No caso dos gêneros primários, a partir do momento em que se tornam componentes dos secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem a relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios (BAKHTIN, 2003).

Ao inserir o cordel em sala de aula, o professor tem que perceber que seu trabalho está relacionado com a realidade, porque o cordel tem essa formação por natureza, é o reflexo de uma sociedade. Os gêneros do discurso, aqui ressaltamos os orais, estão intrinsecamente fincados com o meio social, logo não podemos tratá-los independentemente de sua realidade e de sua relação com as atividades humanas (MARCUSCHI, 2008). Nesse contexto, unindo cordel à questão da oralidade, podemos dizer que teremos um instigante recurso para a interlocução do aluno com a sociedade.

É importante ressaltar que a utilização da Literatura de cordel não pode servir como um mero pretexto para uma abordagem que se resuma apenas à prática da oralidade, mas ir além, discutir e refletir toda a riqueza literária que os folhetos possam conter, como também possibilitar que o aluno possa pensar o seu lugar no mundo.

ENCERRANDO A CONVERSA

Abordar a Literatura de cordel em sala de aula implica refletir criticamente a sociedade e os seus indivíduos, como também possibilita ter contato com a maneira de ver o mundo que o cordelista tem, já que ao escrever os seus versos ritmados, ele estará transmitindo o seu olhar sobre o outro ou para o outro. O conjunto das manifestações nos folhetos revela a força da cultura popular e ao mesmo tempo aponta para a abrangência temática e a diversidade cultural que essa literatura nos apresenta.

Entretanto, para que se possa explorar o cordel de forma mais dinâmica e interativa, é interessante que ele seja acompanhado pela utilização da linguagem oral,



visto que é um aspecto próprio dessa literatura, uma vez que apresenta uma estruturação que aponta para o ritmo e a musicalidade. Desse modo, propusemos que o professor trabalhe a questão da oralidade com a consciência de que a sua prática é algo de suma importância para a autonomia e tomada da palavra pelo aluno em sala e também fora dela. Além do que, a oralidade é algo que os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (1998) exigem para o trabalho do professor em sala de aula. Assim, ressaltamos neste artigo o estudo e a valorização da Literatura de cordel enquanto riquíssima manifestação da cultura popular que pode unir-se perfeitamente com a prática de uma oralidade em sala de aula, que vise a interação, discussão e autonomia do aluno enquanto sujeito de sua fala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOPIARA, Moreira de. Cordel em arte e versos. Xilogravuras de Erivaldo Ferreira da Silva. São Paulo: Acatu, 2009.

ÂNGELO, Assis. As origens do cordel. In:_____. **Presença dos cordelistas e cantadores repentistas em São Paulo**. São Paulo: IBRASA, 1996.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 279-281.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Fundamental – Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação e Desportos, 1998. 106p.

CHAUÍ, Marilena. Introdução, como de praxe. In:_____. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

FARACO, Carlos Alberto. Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

GALVÃO, Ana Maria de O. Cordel: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.



KUNZ, Martine. Cordel, criação mestiça. **Revista Cultura Crítica**. São Paulo, p. 26-31, jul./dez. 2007.

LINHARES, Thelma R. S. A história da Literatura de Cordel. Disponível em: <http://www.camarabrasileira.com/cordel101.htm>. Acesso em: 23 de jul. 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. O cordel no cotidiano escolar. São Paulo: Cortez, 2012.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. Leitura na escola: espaço para gostar de ler. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SILVA, Fernanda Isis C. da; SOUZA, Edivanio Duarte de. Informação e formação da identidade cultural: o acesso à informação na literatura de cordel. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 215-222, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/455/1506>. Acesso em: 23 de jul. 2015.

VASQUEZ, Pedro Afonso. O universo do cordel. In: INSTITUTO CULTURAL BANCO REAL. Recife: Banco Real, 2008.

